



O objeto salta aos olhos: Entre inquietação e investigação na Zona Franca de Manaus.

The object appears before the eyes:
Among restlessness and research in *Zona Franca de Manaus*.

Allison Santos de Andrade – Graduada em Ciências Sociais e Mestrando em Sociologia pela Universidade Federal do Amazonas. E-mail:allison.andrade21@gmail.com

Resumo

Este artigo discute algumas implicações sobre o processo de construção da pesquisa assim como alguns problemas metodológicos encontrados durante a fase de construção do objeto da investigação. As abordagens se dão em torno da necessidade da reelaboração de um objeto a ser investigado no interior da Zona Franca de Manaus. Tal objeto foi sendo reconstruído, sofrendo alterações diante da proposta de pesquisa inicial, que visava examinar a formação dos trabalhadores de uma empresa do setor de veículos sobre duas rodas, situada no Polo Industrial de Manaus. A proposta do artigo é mostrar como uma observação criteriosa e livre de pré-noções somada a uma reflexão teórica, por mínima que seja, é fundamental na construção de uma pesquisa, pois propicia uma melhor visão e uma releitura de um objeto próximo do pesquisador, ou seja, que lhe parece familiar. O artigo trata ainda da escolha de um método a ser utilizado no desenvolvimento da pesquisa e direciona a um possível caminho alternativo para a realização de uma investigação sociológica sobre o trabalho submetido aos processos de produção industrial.

Palavras-chave:

Observação, metodologia, “colaboração”, Trabalho

Abstract

This article discusses some implications on the construction process of research as well as some methodological problems encountered during the construction phase of the object of research. The approaches revolve around the need for redevelopment of an object to be investigated within the *Zona Franca de Manaus*. This object was being rebuilt, undergoing changes before the proposal for initial research, which aimed to examine the formation of workers of a company in the sector of vehicles on two wheels, located in Industrial Pole of Manaus. The proposal of the Article is to show how a careful observation and free pre-notions added to a theoretical reflection, by minimum that is, it is crucial in the construction of a research, because it provides a better vision and a reinterpretation of an object near the researcher, that it looks familiar. The Article is still the choice of a method to be used in the development of research and directs them to a possible alternative path for the realization of a sociological research on the work submitted to industrial production processes.

Keywords:

Observation, methodology, “collaboration”, Work

INTRODUÇÃO

O início de meus estudos no campo da sociologia do trabalho se deu de uma forma bem inusitada, apesar de ter um forte interesse por esta área não conseguia focalizar um objeto específico de estudo que me motivasse o suficiente para investir esforços.

Sempre pensava na motivação como fator essencial para a realização de uma pesquisa, uma vez que necessitaria direcionar grande parte do meu tempo em atividades relacionadas ao objeto de estudo. Eu estava certo, pois até o presente momento tenho notado que todos os passos dados na construção de uma pesquisa – ao menos nas que tenho participado – exigem um grande envolvimento do pesquisador para com a mesma.

No meu caso, este envolvimento tem sido representado pelas seguintes necessidades: a) - buscas por literaturas internacionais, nacionais e locais que tratem sobre o tema de minha pesquisa; b) - a seleção e leitura das mesmas; c) - definição dos autores a serem utilizados para análises e discussões teóricas que contribuam para a compreensão do objeto a ser investigado; d) - apresentações de meus trabalhos e discussões com professores e colegas de aula sobre o tema; e) - tempo destinado a ouvir as orientações da minha professora; f) coletas de informações em bases eletrônicas ou em campo; e por ultimo, mas não menos importante g) - tempo gasto pensando em como ou em o quê escrever.

Ao decorrer de minha formação tenho percebido as necessidades citadas acima como pontos importantes discutidos por alguns autores na sociologia interessados em esclarecer e tentar solucionar alguns percalços das pesquisas em Ciências Sociais. É interessante notar que para Mills (1975), a satisfação de tais necessidades mencionadas somadas a outras minúcias encontradas pelo caminho da pesquisa, formariam um conjunto de fatores ou materiais indispensáveis para a construção do que ele denomina artesanato intelectual. Levando em consideração que a construção de uma pesquisa é realizada passo a passo, degrau por degrau, peça por peça.

Outro que cito é Bourdieu (2007) onde compreendo a importância da manutenção de um arquivo de informações úteis ao pesquisador, por mais que de início pareçam ser irrelevantes, como parte desse conjunto de materiais indispensáveis para a construção do artesanato referido por Mills (1975).

Dentre as necessidades destacadas por mim, anteriormente, citei sobre as apresentações de meus trabalhos e discussões com professores e colegas de aula sobre o tema de minha

pesquisa. Penso que satisfazer esta necessidade tem promovido um grande salto na elaboração do objeto e construção da pesquisa que me proponho a desenvolver. Desta forma a contribuição de Lima e Gondin (2006) reafirmando a posição de Bourdieu (2007) é extremamente importante. Ambos concordam com ideia de que a apresentação preliminar das pesquisas traz contribuições significativas para quem está em processo de formação, assim como também para os mais experimentados na pesquisa.

Para Bourdieu (2007), as exposições das informações preliminares das pesquisas, que estão se formando, dão ao estudante a oportunidade do mesmo executar sua investigação de maneira racional. É neste momento que o estudante pode recolher “sugestões” para a melhoria de seu trabalho através das críticas feitas pela sua audiência. É também neste período que o estudante descobre seus limites, falhas e consegue medir os riscos que pode correr na sua investigação. Ainda sobre este assunto, cabe ressaltar que recentemente em uma participação minha em um encontro de pesquisadores da área em que estou estudando, tive a oportunidade de conhecer e discutir com autores até então desconhecidos por mim. Estes contatos me deram a possibilidade de repensar minha pesquisa atual e tentar traçar um novo caminho (abordagem metodológica) para a execução da mesma. Tratarei sobre isso mais adiante.

Outra contribuição de Bourdieu (2007), que julgo por bem destacar, está relacionada à necessidade que mencionei de destinar tempo para ouvir as orientações de minha professora (orientadora), pois tenho compreendido a importância do papel do orientador em termos de observações práticas face a formação do pesquisador.

Refiro-me aqui não somente aos ditos de minha orientadora, mas a todas as observações que tenho feito sobre a forma de como a mesma constrói sua própria pesquisa. Neste sentido as participações nos programas de iniciação científica foram essenciais, pois aqueles foram os momentos de maior treinamento e observações das práticas da pesquisa. E permitiram-me ter uma noção correta sobre a relação de parceria entre orientador e orientando, parceria esta salientada por Lima e Gondin (2006) como fator fundamental para a formação do novo pesquisador, assim como para o bom desenvolvimento de sua pesquisa.

A expressão explicitada por Bourdieu (2007) “à maneira de um velho oficial” pode nos servir de base para compreender a dinâmica pela qual Bourdieu julgou, por bem, ser utilizada na formação de novos pesquisadores, ou “novos oficiais”. As intenções pedagógicas, que Bourdieu se dedicou a organizar e repassar àqueles que viriam a ser pesquisadores foram as de transmitir todo o conhecimento, acerca do ofício de pesquisador, através de não mais um discurso teórico e eloquente, mas se utilizando de recursos inteiramente práticos, da forma como se faz um velho

capitão ao instruir um jovem oficial. Foi desta mesma forma que visualizei a relação de parceria com minha orientadora.

Retomando as questões iniciadas neste texto, concernente a motivações e inquietações, gostaria de salientar que ao iniciar meus estudos sociológicos lembro-me muito bem de passar muito tempo pensando em assuntos eventualmente interessantes, provocantes, estimulantes. Ou seja, eu precisava encontrar algo para me instigar e provocar em mim uma real inquietação.

Esta inquietação, a qual me refiro, acabei percebendo-a como a chave para a motivação e o despertar do interesse por determinada pesquisa. Hoje tenho um novo olhar sobre o que venha a ser esta inquietação, por ocasião de minhas leituras sobre Marx, sua vida e obra, assunto que trataremos de forma breve, mais a frente. Antes abordarei um pouco sobre o início da elaboração de meu objeto.

Além da “cegueira”, depois da inquietação, o objeto “salta” aos olhos.

Ao passo que pensava em definir um objeto que me iniciasse neste campo de pesquisa, a sociologia - mais especificamente uma sociologia voltada aos estudos do trabalho – não me dava conta de o quanto eu estava próximo dele. Ao tentar encontra-lo em meio às páginas dos livros, na universidade, em conversas e discussões com colegas de aula, na internet e em vários outros lugares posso dizer que estava, de certa forma, cego aos dados importantes que timidamente e inocentemente se apresentavam a mim quando meu irmão, ora triste, ora, alegre, e outras chateado, chegava em casa após o trabalho e sentia a necessidade de compartilhar comigo sobre o que havia acontecido de bom ou de ruim em seu dia de trabalho na empresa onde atuava.

A princípio eu o ouvia como quem busca agradar ou ser simplesmente atencioso e em meio a sua fala me encontrei muitas vezes servindo-lhe de uma companhia para desabafos. Ele gostava do que fazia e da empresa onde trabalhava. Até então, meu irmão trabalhava apenas com a montagem de um componente de motocicletas produzidas na Zona Franca de Manaus. A empresa onde ele atuava era uma fábrica de motocicletas japonesas considerada uma das maiores do mundo, localizada fora do Japão.

O fato de ter um informante em casa que me possibilitasse um maior acesso às informações, sobre os processos de produção daquela empresa, por si só já poderia ter sido um estímulo para despertar em mim um interesse pelo assunto. No entanto, a inquietação da qual mencionei, anteriormente, surgiu somente no momento em que meu irmão solicitou minha ajuda

para construir no *Power-point*¹ a apresentação de um projeto ao qual foi incumbido, juntamente com um grupo de outros quatro trabalhadores, a desenvolvê-lo como o líder da equipe. Tratava-se de um projeto de Círculo de Controle de Qualidade, mais conhecido no Brasil como “CCQ”².

Julgo importante fazer aqui algumas considerações sobre o relato iniciado acima. Em primeiro lugar acredito que ao tentar encontrar um objeto de pesquisa da forma como a pouco comentei no início do pequeno relato, estava na verdade, ingenuamente em busca de um objeto pré-construído que de imediato se mostrasse relevante, o que facilitaria minhas argumentações para justificá-lo como objeto importante a ser investigado.

Pura ingenuidade aos poucos desconstruída com a contribuição de Bourdieu (2007), o qual reforça que a obtenção de objetos pré-construídos deve ser vista com desconfiança, o melhor a se fazer é buscar uma nova forma de se pensar o objeto, no intuito de construí-lo ou de reelaborá-lo visto por um novo ângulo. Pois para ele é um equívoco focar somente para a utilização de objetos que se dão como evidentes e com importância político e social facilmente notada.

Reelaborar um objeto faz parte do aprendizado deste ofício. Sendo assim, conforme Bourdieu (2007) ressalta, é extremamente importante o contato com o campo, no sentido de saber se utilizar dele para obter benefícios para a realização da investigação. É preciso ter em mente uma certa objetividade, pensar o todo e não se deixar conduzir pelos preceitos ou pré-noções impostas por si mesmo, ou até mesmo pelo campo. Esta “objetivação participante” implica em apreender “as duas verdades” objetiva e subjetiva as quais tornam o real ser relacional.

No meu caso o meu campo começou em casa, através das informações de meu irmão. No entanto faltava-me ainda desprender-me das pré-noções e dos objetos pré-construídos e dar atenção ao que estava em minha frente mesmo sem eu conseguir inicialmente enxergar. O Exercício de pensar o todo é deveras difícil quando se está muito próximo do objeto – é como visualizar um elefante a um palmo de distancia, só se vê uma imensa parede cinzenta de couro.

¹“O PowerPoint é um software que permite a criação de materiais que podem ser apresentados por meio de um projetor. O uso desses materiais para anunciar um relatório ou uma proposta é chamado de apresentação. Com o PowerPoint, você pode criar telas que incorporam de forma eficiente texto colorido e fotografias, ilustrações, desenhos, tabelas e filmes, e que transitam de uma para a outra, como uma apresentação de slides. Você pode animar o texto e as ilustrações na tela, usando o recurso de animação, e também pode adicionar efeitos de som e narração. Além disso, você pode imprimir os materiais quando estiver fazendo uma apresentação. O PowerPoint faz parte do "Office", uma suite de produtos que combina diversos tipos de softwares para a criação de documentos, planilhas e apresentações, e para o gerenciamento de emails” (<http://office.microsoft.com/pt-br/novice/o-que-e-o-powerpoint-HA010265950.aspx>).

² O Círculo de Controle de Qualidade é uma técnica oriunda das práticas de gestão japonesa concebida na década de 1960 com a finalidade de Solucionar pequenos problemas encontrados no ambiente de trabalho.

Ainda referente ao relato, a segunda consideração que merece ser mencionada denominarei aqui como “síndrome do familiar”, é claro que esta denominação necessitará de muito mais estudos e esclarecimentos, mas por enquanto a utilizarei para uma mera exemplificação. O que quero dizer é que, geralmente, parece ser mais fácil e interessante observar e encontrar um problema a ser investigado quando nos deparamos com um objeto distante de nosso convívio ou que ao menos assim o vemos. Mas quando o objeto nos é familiar parece ocorrer uma aversão ao mesmo, talvez devido ao medo de enviesar a pesquisa, uma “síndrome do familiar”.

Esta questão que estou deixando em evidencia já foi objeto de estudo de alguns autores. Dentre eles destaco, inicialmente, Roberto da Matta (1978), o qual traz uma grande contribuição ao analisar a relação entre o exótico e o familiar, e deixar claro a noção de que é possível estudar tanto um quanto o outro sem deixar que a investigação sofra interferências. Segundo Da Matta (1978), é possível tanto familiarizarmos o exótico quanto tornar exótico o que nos é familiar.

A abordagem realizada por Da Matta (1978), sobre esta temática, serviu de base para Velho (1978) construir suas argumentações acerca de observações que contemplem o “familiar”. Para Velho (1978), o exótico pode não ser algo completamente desconhecido, assim como o que nos parece familiar pode também não ser de todo conhecido por nós.

O que atrai mais a minha atenção sobre este assunto e o que quero destacar é o fato de que este familiar que de o todo não me é conhecido e as considerações de Bourdieu (2007) sobre o pensar o todo para a reelaboração do objeto, parecem ter uma relação estreita. Uma vez que reelaborar um objeto focalizando-o por um novo ângulo seria o mesmo que investir esforços em observar o desconhecido naquilo que é familiar.

Creio que este exercício foi o que precisei realizar para conseguir enxergar meu irmão como o fio condutor para minha pesquisa. Este exercício foi demorado por dois motivos que me recordo. Primeiro, tinha uma “pré-noção” de que um objeto de pesquisa nunca sairia de minha casa e que as informações que meu irmão me repassava eram apenas desabafos.

Em segundo e creio que mais importante, eu ainda não possuía um nível de leitura suficiente que me desse a oportunidade de transformar aqueles “desabafos” em pesquisa. Não foi sem razão que a relação da teoria com a metodologia na construção do objeto de pesquisa foi um assunto destacado por Bourdieu (2007), fazendo críticas à rigidez metodológica na elaboração de pesquisas, apontando a criação de escolas teórico/metodológicas como um certo entrave para a

elaboração de novas investigações. Pois para ele, teoria e metodologia não devem andar separadas, sendo que ambas contribuem para a construção ou reelaboração do objeto.

A lente que me possibilitou enxergar as informações de meu irmão como abertura para uma possível pesquisa foi uma leitura despreziosa, que iniciei em um corredor da biblioteca da universidade.

A leitura que fiz foi de um texto de Pierre Bourdieu (1998) sobre “A Economia das Trocas Simbólicas”, me fez, de alguma forma, pensar no que meu irmão me falava sobre sua participação nos projetos da empresa, onde ele atuava. Fui aos poucos associando os projetos de Círculos de Controle de Qualidade (CCQ) como uma espécie de troca simbólica, onde a empresa concedia alguns benefícios aos trabalhadores em troca do conhecimento dos mesmos acerca dos problemas encontrados nas linhas de produção.

Aquela leitura também me fez pensar sobre uma expropriação indevida de “capital simbólico” por parte da empresa em relação aos trabalhadores, pois aqueles que estavam inseridos no processo de construção dos CCQs dedicavam muito tempo pensando e planejando seus projetos e transformando seus conhecimentos em melhoria para a empresa em troca de “prêmios simbólicos” como chaveiros, bonés, canetas e outros.

É certo de que minha leitura sobre aquele texto não foi tão boa, de modo que não dei prosseguimento, nem segui completamente a mesma linha de pensamento na pesquisa, que posteriormente iniciei. O certo é que aquele início de leitura foi o suficiente para me por “uma pulga atrás da orelha”, ou seja foi o suficiente para me causar uma significativa inquietação.

Conforme mencionei anteriormente cabe agora tratar sobre a tal inquietação que compreendi melhor em minhas leituras sobre Karl Marx.

Pelos corredores da universidade ouvi muitas vezes vários professores dizerem que “o objeto é aquilo que te inquieta” e ficava imaginando o que de fato seria essa inquietação.

Há pouco tempo durante umas aulas de teoria sociológica tive a oportunidade de assistir em vídeo algumas palestras proferidas pelo professor José Paulo Netto³ em um seminário de serviço social em Pernambuco. Aqueles vídeos foram bem proveitosos para mim. Pude ter uma maior noção sobre a trajetória de Marx, não somente na academia, mas também fora dela e isso me possibilitou uma melhor compreensão sobre as motivações de Marx, por conseguinte suas inquietações.

³ O vídeo gravado sobre a palestra do prof^o José Paulo Netto é referente ao curso que ministrou ao Programa de Pós-graduação em Serviço Social da UFPE em 2002, o título do curso por ele ministrado foi “O método em Marx”. José Paulo Netto é professor e vice-diretor da Escola de Serviço Social da UFRJ, Doutor em Serviço Social pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP).

Ao acompanhar a trajetória de Marx naqueles vídeos fui percebendo um pouco mais sobre suas angústias – que em minha interpretação acabaram por gerar seus motivos. Sua passagem pela academia, sua tentativa de ingressar no campo do ensino, sua migração – se é que posso dizer assim – para o campo do jornalismo, os golpes que sofreu pelo governo de Bismark, traições de seus próprios pares no jornalismo, os exílios sofridos, suas fugas forçadas para outros países, certamente devem ter produzidos em Marx um desejo de compreender a configuração do cenário em que ele estava inserido, despertando também seu interesse pela ideologia dominante em seu tempo, assim como as lutas existentes entre classes.

Em “A Ideologia Alemã” de Marx e Engels (1986), pude observar a forte preocupação destes autores com a condição dos trabalhadores submetidos ao processo de produção capitalista. Não é difícil identificar o pensamento de Marx quanto a uma vontade de ver os homens realizarem uma espécie de trabalho livre – em que o homem pudesse acordar e realizar a atividade que lhe desse prazer no momento em que lhe fosse conveniente, controlando assim seu próprio tempo e sua própria força de trabalho.

Noto que as reflexões e ações de Marx eram movidas pelas inquietações que o mesmo sentia diante dos fatos que o cercavam. Confesso que esta minha interpretação possa estar errada. No entanto arrisco-me a afirmar que assim como as inquietações que moviam o pensar e o agir do autor em questão estavam fortemente relacionadas com seus próprios ideais (sua ideologia), creio que na construção de uma pesquisa dependemos seriamente do contexto que nos cerca, da ideologia que carregamos, dos princípios que regem nossa conduta e dos ideais que defendemos.

É importante mencionar que esta discussão sobre inquietação relacionada às nossas ideologias não é uma defesa sobre a ideia de que o processo de construção da pesquisa e do conhecimento deva ocorrer enquanto mergulhados em nossos ideais, mas que conscientes de nossas posições possamos emergir do contexto ideológico para então analisarmos racionalmente o todo, o real problema da pesquisa em que nos propomos a estudar.

No meu caso, durante o processo de construção do objeto de minha investigação percebo que o que realmente tem me inquietado em relação às práticas de gestão, que intensificam o trabalho e maximizam os lucros, utilizadas na empresa onde meu irmão atua está ligado às minhas resistências ao individualismo produzido pela produção industrial, onde os poucos que estão em cima ganham muito e os muitos que estão em baixo ganham pouco.

Antes de continuarmos com esta discussão, que compreenderemos melhor com a contribuição Weberiana, quero enfatizar que tal inquietação relatada a pouco tem sido o motivo

que me levou a estudar o mundo do trabalho e mais recentemente tentar compreender esse novo tipo de trabalhador formado por práticas de gestão que o conduzem a ser o que o intitulam como “colaboradores”. Ao que me parece trabalhadores cada vez mais multifuncionais motivados ao voluntariado. Eis o objeto que me salta aos olhos.

Na tentativa de finalizarmos esta discussão sobre as “inquietações” quero ainda abordar dois pontos que interpreto como importantes. Em primeiro lugar a inquietação está relacionada à definição e relevância do objeto que se pretende investigar. Ao definir seu objeto, o pesquisador deverá tornar claro que aquele objeto é um objeto relevante. Eu posso estar trabalhando com um objeto e do lado ter alguém trabalhando com um objeto que é mais importante do que aquele que eu escolhi. Essa inquietação também pode começar por aí, na definição do objeto. Se o objeto apresenta algo que seja capaz de justificar uma pesquisa.

O outro ponto a ser abordado é o motivo pelo qual o pesquisador escolheu aquele e não outro objeto. Essa relação da escolha com um sujeito que é um pesquisador e o objeto é uma relação particular, ela é única. Porque como você já tem experiências com outros objetos e com outros sujeitos a escolha daquele sujeito está pré-determinado, digamos assim, ou em grande parte predefinida por essas relações anteriores que definem o perfil do pesquisador. Por exemplo, há quem tenha escolhido trabalhar o negro na Amazônia, porque? Deve ter alguma razão! Bem, primeiro se definiu que o negro como objeto de pesquisa é algo muito importante, para ele é claro, outros acham que não. Por exemplo, há quem diga que o negro teve um papel secundário, residual. Mas muitos outros não consideram isso. É mais um exemplo da relação entre sujeito e objeto, um sujeito acha que não é importante e o outro acha que sim – isso diante de um mesmo objeto. Existem algumas razões pessoais para isso, afinidades políticas, experiências passadas que levam o sujeito a achar isso importante.

Tem a importância ou não do objeto, a relevância, depois tem a relação do pesquisador com o objeto que é essa que um acha que o objeto tem relevância e outro acha que não. É uma visão pessoal – em termos – porque ela está ligada a um determinado conjunto de razões da própria formação do pesquisador, da visão política, etc.

Na construção do objeto a ideologia que o indivíduo traz consigo não somente é válida, mas inseparável. Weber (2006) analisou bem isso, a neutralidade axiológica. É o seguinte, o cientista social tem que ter uma consciência de que quando ele vai partir para um objeto para fazer uma análise ele parte com os valores dele. Na sociologia positivista não acontece assim. Durkheim (2001), já acredita que você pode ser totalmente neutro. Mas mesmo que no fundo, no

fundo acreditemos que não, as condições do ambiente em que estamos inseridos e nossa relação com elas determinam fortemente o que vamos fazer.

Weber (2006) acreditava que de saída o sujeito já teria que ter a consciência de que ao escolher aquele assunto a ser analisado já se configura como uma opção ideológica e valorativa, então o que ele poderá fazer é se esforçar ao máximo para se distanciar de seu objeto. Mas esse exercício é um exercício complicado. Se isso se transformar numa obsessão pode, certamente, prejudicar o trabalho. É melhor o sujeito ter a consciência de que é judeu, católico, protestante, classe média, ou classe alta, da elite e é através de sua posição partir para a abordagem do assunto.

Weber defendia essa posição, que você deve assumir claramente as suas condições, não que você deva defender as suas posições judaicas ou protestantes, etc. Mas que o fato de ser um protestante determina e diferencia de um judeu, ou de um muçulmano. Não é que o protestante vá se utilizar de todos os princípios da religião dele, mas esses princípios influenciarão bastante. Diante do exposto fica a ideia de que a escolha do objeto é condicionada a uma série de fatores ligados ao contexto do sujeito que, por conseguinte de uma forma ou outra podem influenciar a investigação. No entanto, com o objetivo de limitar tal influência é necessário a utilização de um método que nos ajudará ou não – dependendo da escolha do método – a caminharmos seguros rumo às análises da investigação. Mas eis que surge outra questão, conforme abordaremos a seguir.

Qual caminho seguir?

Parto agora para a discussão de um novo problema, como se aproximar do objeto de pesquisa - um problema metodológico -, ou seja, quais são os recursos, métodos, os caminhos que eu vou usar para “chegar lá”. Como se o sujeito está em um ponto e o objeto em outro e às vezes esse trajeto nem é uma linha reta, então como fazer para “chegar lá” mesmo seguindo uma linha tortuosa?

Geralmente os assuntos de natureza sociológica são bem tortuosos, por exemplo, a falta de dados já faz o pesquisador se amedrontar com determinada pesquisa. Como é que eu vou fazer uma pesquisa se eu não encontrei nada, não tem nenhuma informação em jornais, revistas, etc? Então o sujeito já se atemoriza com aquilo, mas pode ter ocorrido que o mesmo tenha se aproximado mal das fontes, não pegou o caminho correto.

Neste sentido o método é fundamental, até porque ele é o modo de como você trabalha e faz a crítica da ideologia e etc. Ou seja, o método é uma maneira de você se aproximar e ao mesmo tempo se distanciar. Por exemplo, se um grupo de indígenas querem estudar os indígenas urbanos em Manaus e ficarem só com os indígenas e não tiverem um método para estudar, ocorrerá apenas um depoimento, mas como que será analisado isso para mostrar que existe uma população indígena em Manaus trabalhando sem perder sua identidade indígena? Como será possível comprovar isso e demonstrar esses dados? Tem que ter um método. Qual será o caminho?

Existem vários caminhos para a realização de uma pesquisa, mas nem todos possibilitarão uma análise mais apurada do objeto. Um método que é uma fôrma é um método positivista, como se eu tivesse que contar quantos católicos tem em determinada região.

Este método quantitativo trabalha com resultados fundados em cálculos/estatísticos. Para que você quer contar os católicos e os protestantes? Para provar alguma coisa com isso. Ninguém vai contar só por contar, ele vai querer mostrar que pelo fato de existir mais católicos ou menos protestantes, ou o inverso ou, por exemplo, há trinta anos atrás não existia nenhum evangélico da igreja tal em Manaus e hoje você tem cinco mil e não sei quanto, entende? Essa maneira já é uma tentativa de usar a quantificação até mesmo para defender uma ideia/hipótese na pesquisa, mas não que deva ser obrigatoriamente quantitativo. Aliás, o método sociológico é mais qualitativo do que quantitativo.

Ao examinarmos as grandes obras da sociologia, por exemplo, Durkheim (1996) mesmo em *As formas elementares da vida religiosa* não tem estatística, ele se baseou em fontes secundárias, ele nunca foi entre os aborígenes/australianos. Naquele trabalho ele está se utilizando, sobretudo, dados de sociedades pré-capitalistas ou, portanto, através de leituras. Muitas vezes essas informações não tinham quantificações. Então ele vai criando quadros para mostrar, por exemplo, a diferença entre crença e rito e descobre que todas essas religiões que os outros estudaram e onde ele se baseia para fazer o livro dele possuem ritos que são formas de se manter aquela religião pelo tempo, ou seja, se não existe rito onde as pessoas se reúnem para rezar, orar, etc., fica difícil manter a continuidade daquela crença.

Então uma das descobertas que não foi só dele, mas ele deu muita força a isso é a da relação entre ritos e crenças. O rito como uma necessidade, como por exemplo, de uma pessoa ir à missa todos os domingos, o catolicismo prega isso, você tem que ir a missa, tem que se comungar, tem que se confessar, tem o seu confessor. Enfim, tem esse conjunto de ritos e para estudar esses ritos ele não se utilizou de quantificações.

Goldengerg (2007) trata em um capítulo sobre a integração entre metodologia quantitativa e metodologia qualitativa, afirma que essa integração possa ser é a melhor forma de se realizar uma pesquisa, porque minimiza as possíveis falhas ou erros na pesquisa.

Em busca de uma situação ideal ela tem razão, se você fundamentar de alguma maneira quantitativamente o que você quer para depois proceder a análise qualitativa, isso seria correto. Mas se você pegar os trabalhos mais geniais da sociologia como a *Ética protestante e o espírito do capitalismo* de Weber (2004) não encontrará nada de quantitativo, é totalmente qualitativo.

No próprio Marx, em “O Capital” existem poucas estatísticas e revolucionou a economia, a ciência política, a sociologia sem usar tantas tabelas. Marx nunca fez tabelas de nada, claro que tinha quantidades de produtos para analisar os fluxos de crescimentos, como por exemplo, na passagem da manufatura para a indústria que significa um aumento e um incremento na produção, na transição de uma para a outra aumentou o nível de produtividade, diminuiu os custos, reduziu a força de trabalho envolvida nisso.

Há vários exemplos de pesquisas fundamentais da sociologia e até na própria formação da teoria sociológica que não passaram por quantificações, são grandes hipóteses ou grandes formulações teóricas. O próprio Durkheim que foi o que mais se utilizou de quantificações no fundo no fundo suas grandes ideias não passaram por quantificações.

A análise que ele fez sobre as solidariedades (relações) orgânica e mecânica é uma formulação que mostra que as sociedades desenvolvidas tem um tipo de solidariedade diferente da tradicional, onde o peso da família, dos mais velhos na tradição é muito maior e a autonomia individual é muito menor e muito mais limitada do que na sociedade aberta como a sociedade capitalista moderna. Quem vive em uma cidade como São Paulo, *New York*, ou Manaus é diferente de uma pessoa que vive em uma maloca ou numa comunidade fechada. O indivíduo da solidariedade mecânica é diferente do indivíduo da solidariedade orgânica. E Durkheim (1978) até poderia tentar chegar a esses termos por meio de quantificações, mas creio que seria muito difícil.

Em busca de um caminho alternativo: etnografia do trabalho para compreensão da “colaboração”?

No caso da pesquisa na indústria eu acreditava que não fosse possível fugir completamente das quantificações – algo que me interessa. Nesse tipo de indústria como no caso das existentes na Zona Franca de Manaus (ZFM) existem atividades massacrantes e outras mais

leves. Dentro do setor industrial existem vários tipos diferentes de riscos à vida do trabalhador, como o de adoecer mentalmente, stress, depressão, doenças causadas por esforços repetitivos e outros que só podem ser analisados mediante uma quantificação inicial dos trabalhadores afetados e o impacto de tal fato.

Para analisar as relações de produção, organização do trabalho, qualidade dos serviços e os processos de precarização do trabalho e do trabalhador é necessário quantificar as empresas envolvidas, a quantidade de trabalhadores, o tempo de serviço, quantidade de materiais utilizados/produzidos, etc. Isso para ter uma primeira contextualização de tais relações e em seguida partir para outras abordagens.

Nas investigações que realizei entre os anos de 2009 e 2011 em parceria com minha orientadora, buscamos compreender a transferência do modelo japonês de gestão e trabalho para outras regiões externas do Japão, focalizando o Brasil e mais precisamente o Pólo Industrial de Veículos Sobre Duas Rodas da Zona Franca de Manaus.

Com o intuito de investigar o processo de transferibilidade deste modelo para o Setor de Veículos Sobre Duas Rodas da Zona Franca de Manaus (ZFM), realizamos uma primeira pesquisa junto à fábrica japonesa de motocicletas Moto Honda da Amazônia Ltda, para coletar materiais e informações sobre a implantação das práticas de gestão japonesas naquela fábrica. Sabendo da existência de um programa de Círculo de Controle da Qualidade (CCQ) próprio da empresa conhecido como New Honda Circle (NHC) foram colhidos informações sobre sua implantação, levando em conta sua transferência do Japão para Manaus.

Com isso informações obtidas através de palestras foram registradas e analisadas juntamente com documentos fornecidos pela própria empresa. Os objetivos propostos na pesquisa foram alcançados, revelando as características do programa de melhoria que aquela empresa realiza, as mudanças ocorridas neste programa desde sua implantação na década de 1980 até a atualidade, a forma de participação do trabalhador no programa, tendo em vista os esforços empenhados pela empresa para envolvê-lo no CCQ e também as mudanças ocorridas no trabalho do “colaborador”, levando em consideração o conteúdo do trabalho e a jornada de trabalho executada pelos trabalhadores daquela empresa após a implantação do NHC, observando a multifuncionalidade dos “colaboradores” envolvidos no CCQ e a necessidade dos mesmos em obter novos conhecimentos da área de controle de qualidade e informática.

Prosseguindo a uma investigação sobre a forma de difusão do modelo japonês para o interior do setor de veículos sobre duas rodas da Zona Franca de Manaus (ZFM), realizamos uma segunda pesquisa junto à Moto Honda da Amazônia LTDA, assim como nas empresas que

compõem seu quadro de fornecedores locais. Foram coletados materiais e informações sobre a natureza da relação entre cliente/fornecedor e sobre a implantação de um programa de Círculo de Controle da Qualidade (CCQ) desenvolvido pela empresa contratante nas fornecedoras.

O programa conhecido como *New Honda Circle Supplier* (NHCS) foi estudado revelando as características do programa de melhoria que a empresa contratante coordena junto a seus fornecedores, identificando as razões que levaram a Honda a implantar este CCQ nestas empresas e também sua forma de funcionamento. Durante o período de desenvolvimento dessas pesquisas que realizamos sobre o modelo japonês de produção na Zona Franca de Manaus (ZFM), identificamos uma baixa quantidade de estudos científicos que contemplem os trabalhadores do Pólo de Duas Rodas e ainda sua relação com o Modelo japonês de produção e gestão. Uma vez que a maior parte dos trabalhadores empregados neste pólo estão diretamente inseridos sob os princípios da gestão japonesa.

No Pólo de Veículos sobre duas rodas (PDR) da ZFM, os estudos que nos baseamos para iniciar este trabalho foram realizados por Araújo Filho (2005), que analisa o que ele chama de “cooperação entre empresas” neste setor, através da relação entre a empresa japonesa Moto Honda da Amazônia LTDA e seus fornecedores. Cinco anos mais tarde, Melo (2010) desenvolveu um estudo semelhante, mas com foco na formação de redes de produção junto aos mesmos clientes/fornecedores citados acima.

Além das informações levantadas através das pesquisas citadas acima, até agora os únicos materiais disponíveis produzidos sobre o pólo de duas rodas relacionado ao modelo japonês com foco no trabalhador, assim como características de relações de trabalho, direitos fundamentais do trabalho, discriminação de gênero e raça, e a liberdade sindical, encontram-se registradas no relatório produzido pelo Observatório Social (2001).

Especificamente o Observatório Social (2001) investigou sobre o perfil dos trabalhadores da Moto Honda da Amazônia Ltda em 2001, analisando a ligação e engajamento daqueles trabalhadores com organizações sindicais, a percepção dos trabalhadores em relação da existência de trabalho forçado na empresa, o trabalho e a discriminação entre gênero e raça entre outros.

Na tentativa de dar continuidade às investigações iniciadas entre os anos de 2009 e 2011 pretendi direcionar uma nova investigação com um foco sobre os trabalhadores do Pólo de Duas Rodas, na tentativa de trazer contribuições acerca da formação destes trabalhadores, tendo como propósito inicial compreender a formação e idealização dos trabalhadores idealizados sob os

princípios do modelo de produção e gestão japonesa inseridos no setor de veículos sobre duas da Zona Franca de Manaus. Os “**colaboradores**” da Moto Honda da Amazônia LTDA.

No entanto, ainda durante uma primeira banca a qual deveria apresentar esta proposta fui questionado com um pergunta simples, mas que me fez redimensionar os rumos da pesquisa. A questão: o que seria esta tal “colaboração”? É incrível como uma simples questão pode fazer “saltar aos olhos” um objeto que com os passos que eu já havia percorrido deveria ter enxergado há muito tempo. Por esse motivo volto aqui a reafirmar a importância da apresentação e discussão dos trabalhos de pesquisa em processo de construção.

A contribuição daquela pergunta me fez não somente enxergar um problema que eu não consegui visualizar, como também me possibilitou traçar um novo caminho para me aproximar do mesmo. Tentando fugir das quantificações conheci, ainda que de forma tímida, a abordagem do professor José Sérgio Leite Lopes da UFRJ que ao estudar a temática do trabalho trilha uma metodologia alternativa às quantificações, uma etnografia do trabalho. Desde já parto por analogia aos textos de Lopes (1976) para uma melhor compreensão desta metodologia, na tentativa de realizar quem sabe uma etnografia da “colaboração”.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO FILHO, Guajarino de. **Cooperação Entre Empresas no Pólo Industrial de Manaus**. Tese de doutorado. (COOPE/UFRJ). Rio de Janeiro, 2005.

BOURDIEU, Pierre. Introdução a uma sociologia reflexiva. In: BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Trad. Fernando Tomaz. 10ª ed. Rio de Janeiro: Editora Bertrand, 2007.

_____. **A economia das trocas simbólicas**. 5. ed. São Paulo: Perspectiva, 1998. 361 p. (Coleção estudos.Ciências sociais ;20)

DA MATTA, R. O ofício do etnólogo ou como ter “Anthropological Blues”. In: NUNES, E. (org.). **A Aventura Sociológica**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

DURKHEIM, Émile. **As regras do método sociológico**. Trad. Maria Isaura Pereira de Queiroz. 16 ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2001.

_____. **As formas elementares da vida religiosa**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

_____. **Da divisão do trabalho social**. São Paulo: Victor Civita, 1978. 245 p. (Os pensadores).

GOLDEMBERG, M. **A arte de pesquisar**; como fazer pesquisa qualitativa em ciências sociais. 10ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2007.

GONDIM, L. M. P. ; LIMA, J. C. . **A pesquisa como artesanato intelectual**. Considerações sobre método e bom senso.. 2. ed. São Carlos, SP: EdUFSCar, 2006. v. 1. 88p .

LOPES, José Sergio Leite. **O Vapor do Diabo**. Rio de Janeiro, Paz e Terra. 1976.

MARX, K. & ENGELS, F. **A ideologia alemã**. 5 ed. Trad. José Carlo Bruni & Marco Aurélio Nogueira. São Paulo: Hucitec, 1986.

MELO, Eudes Lopes. **A Formação da Rede de Produção na Indústria Sobre veículos de Duas Rodas do Norte Brasileiro**. Dissertação de mestrado. PPGS/Ufam, 2010.

MILLS, C. W. Do artesanato intelectual. In: MILLS, C. W. **A imaginação sociológica**. 6ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1975.

OBSERVATÓRIO SOCIAL. **Relatório Sobre trabalhadores Honda**. pdf. 2001.
In:http://www.observatoriosocial.org.br/arquivos_biblioteca/conteudo/001013ExecMOTOHONDAport.pdf . acessado em 10/09/2011; 18/11/2011.

WEBER, Max. **A “objetividade” do conhecimento nas ciências sociais** / Max Weber; tradução Gabriel Cohn – São Paulo: Ática, 2006.

WEBER, Max. **A ética protestante e o “espírito” do capitalismo**. Trad. José Carlos Mariani de Macedo. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

VELHO, G. Observando o Familiar. In: NUNES, E.O. (org.) **A Aventura Sociológica**. Rio de Janeiro: Zahar. 1978